

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
DEPARTAMENTO DE POLÍTICA E GESTÃO DA EDUCAÇÃO

AMANDA ELIZABETH COELHO SALES

**O PROCESSO DE ENSINO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO EM  
UM HOSPITAL PÚBLICO DE RECIFE.**

Recife 2022

AMANDA ELIZABETH COELHO SALES

**O PROCESSO DE ENSINO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR: UM ESTUDO DE  
CASO EM UM HOSPITAL PÚBLICO DE RECIFE.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Federal de Pernambuco,  
como requisito parcial para obtenção  
do título de licenciado(a) em  
Pedagogia.

Aprovado em: 25/10/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Bruno Severo Gomes (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Liliane Maria Teixeira Lima de Carvalho  
(Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Thatiane Bezerra Teixeira de Oliveira  
(Examinadora Externa)  
Universidade Federal de Pernambuco -Hospital das Clínicas

# **O processo de ensino em espaço não escolar: um estudo de caso em um hospital público de Recife.**

Amanda Elizabeth Coelho Sales

Bruno Severo Gomes

## **Resumo**

O objetivo desta pesquisa consiste em analisar como se fundamentam e se desenvolvem as práticas pedagógicas na classe hospitalar “SEMEAR” localizada em um Hospital Universitário na cidade do Recife-PE. A pesquisa é de cunho qualitativo e apresenta um estudo de caso mediante a prática de observação realizada em uma classe hospitalar. O registro dessas visitas foi compilado em um diário de campo com anotações relevantes sobre as especificidades da pedagogia hospitalar. Foi elaborado ainda um questionário com perguntas abertas com a professora da classe hospitalar a fim de compreender acerca de sua prática docente. Aborda-se ainda os conceitos referentes à Pedagogia Hospitalar, suas diretrizes legais e a estrutura pedagógica de uma classe hospitalar. A proposta da classe hospitalar observada é que o estudante atendido possa trabalhar o conteúdo que está sendo vivenciado na escola de origem, para que haja uma convergência no retorno à sua escola. O trabalho na classe hospitalar precisa ser personalizado de acordo com as necessidades apresentadas durante o processo de escolarização desse estudante-paciente. Entende-se assim que a classe hospitalar é fruto de uma demanda social a qual baliza os aspectos legais e formais para a realização efetiva de direitos à saúde e à educação.

Palavras-Chave: Pedagogia Hospitalar, Prática Pedagógica, Classe Hospitalar, Estudante-Paciente.

## **Introdução**

A Pedagogia Hospitalar tem o intuito de auxiliar e dar continuidade à escolarização de crianças e adolescentes hospitalizados, que necessitam de atendimento e de tratamentos por um longo período de tempo que ocasiona o afastamento desses jovens da escola. Dessa forma, trata-se de um processo alternativo de educação continuada que ultrapassa o contexto formal da instituição escolar, atenta para o atendimento de necessidades especiais transitórias do educando, em ambiente hospitalar. É um ramo educacional de uma nova realidade multidisciplinar com características educativas peculiares desse contexto, “essa é uma nova área científica

sendo construída e assumindo uma natureza diferenciada ainda que sustentada pela Pedagogia Geral” (MATOS; MUGIATTI, 2009, p. 47).

A classe hospitalar pode ser constituída como o espaço onde ocorre a maior parte das atividades sócio educativas de modo a proporcionar a aprendizagem para aqueles impossibilitados por questões de saúde e internação, de frequentar o ensino regular. Ortiz e Freitas (2005) conceituam classe hospitalar como “o espaço do aprender em situação hospitalar, configurando uma ação educacional compatível com o entorno problematizador, para que o estudante-paciente, durante o tratamento médico, ou após o término, não seja absorvido em outra situação de conflito: o despreparo para a vida escolar” (p. 24).

A Educação Inclusiva realizada no espaço não escolar como em um hospital, atenta para o direito fundamental da criança e do adolescente que é sua vida primeiramente e a saúde. Quando em decorrência de uma enfermidade a criança não pode frequentar uma escola regular o direito à educação deve ser ofertado em outro espaço de ensino. Por esse motivo, tratar da Pedagogia Hospitalar é extremamente fundamental para difundir a efetivação de direitos para esse público específico.

Para tanto, é relevante formar profissionais de pedagogia aptos a atender essa demanda educacional, proporcionando aos estudantes-pacientes o acesso à educação especial no ambiente hospitalar. Mesmo sendo necessário esse conteúdo nos cursos de licenciatura em Pedagogia e existindo por parte de alguns estudantes o interesse em atuar nesse ramo da educação especial, o curso de pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, por exemplo, ainda não oferta em sua grade curricular a disciplina de pedagogia hospitalar, apesar de ser um segmento educacional em expansão.

Para esta pesquisa definimos como problema de pesquisa: como se dá o processo de ensino em uma classe hospitalar, quais são as dinâmicas utilizadas para esses alunos em estado de adoecimento? O objetivo deste artigo consiste em analisar como se fundamentam e se desenvolvem as práticas pedagógicas na classe hospitalar “SEMEAR” localizada em um Hospital Universitário na cidade do Recife-PE.

O presente estudo abordou ainda, os conceitos referentes à Pedagogia Hospitalar, suas diretrizes legais e a estrutura de uma classe hospitalar a partir da experiência que será obtida com a classe hospitalar SEMEAR, descrevendo as práticas pedagógicas utilizadas nesse espaço. Existe uma carência da Pedagogia Hospitalar no Estado de Pernambuco. “Também a nível nacional a grande maioria dos hospitais não possui atendimento ao

escolar hospitalizado” (MATOS; MUGIATTI, 2009, p. 48). Ainda acompanhando essa linha de análise, Matos e Mugiatti (2009, p.48) acrescentam que “ainda não há um reconhecimento satisfatório no sentido de que as crianças e os jovens hospitalizados têm o direito à educação”. Por esse motivo entendemos ser pertinente divulgar e ampliar o seu acesso através da criação de novas Classes Hospitalares no Estado. A seguir serão apresentados os referenciais teóricos que embasam este estudo.

## **Referencial Teórico**

### **1-A Pedagogia Hospitalar e seus Conceitos.**

Com o passar dos tempos houve uma ampliação nos espaços de atuação do pedagogo, deixando de ser somente na escola e passando a ocorrer também em espaços não escolares. Trata-se de um ensino que visa também, à humanização e a inclusão com a não ruptura do aluno em um de seus direitos como cidadão, o direito à educação. Esse campo de atuação da Pedagogia está situado dentro da Educação Especial e é dividido em três modalidades distintas entre si: A brinquedoteca, a recreação hospitalar e a classe hospitalar.

Pedrosa (2015, p.66) salienta que:

a função da brinquedoteca é proporcionar o brincar, para as crianças, os visitantes e os adultos, com brinquedos pedagógicos ou não a fim de possibilitar o aprendizado, a coordenação motora e a diversão, pois brincando a criança se relaciona com o mundo. Mas a classe hospitalar, embora utilize o lúdico para realizar as ações pedagógicas, tem o objetivo maior de garantir o processo de aprendizagem dos pacientes internados em tratamento.

Os alunos em estado de adoecimento têm sua vida escolar interrompida pois estão lutando por sua saúde, buscando a cura, mas ao mesmo tempo precisam nessa jornada ter o direito à educação. Com a classe hospitalar podem ter seus estudos garantidos para posteriormente ocorrer a reinserção na escola de origem, após alta hospitalar. A classe apresenta assim a solução para a continuidade do processo de escolarização e aprendizado afetados pelo adoecimento desses estudantes (PEDROSA, 2015).

O hospital deve proporcionar um contexto de afetividade e emoção para favorecer o desenvolvimento cognitivo das crianças, mesmo sendo uma tarefa complexa

devido às circunstâncias de pesar provocadas pelo adoecimento. Na recreação hospitalar são realizadas atividades para proporcionar o divertimento, podendo ser no espaço interno ou externo do hospital, não há uma preocupação com a escolarização como existe em uma classe hospitalar.

O professor de uma classe hospitalar precisa ter equilíbrio emocional, sensibilidade e vontade de fazer a diferença na educação dessas crianças. Para isso “deverá ter a formação pedagógica em educação especial, ter noções sobre as doenças e as condições psicossociais dos educandos, tanto da parte clínica como da afetiva”. (BRASIL, 2002, p.27)

Segundo Matos e Mugiatti (2009, p.116):

a estruturação de uma pedagogia hospitalar deve trazer uma ação docente que provoque o encontro entre a educação e a saúde. A sua respectiva atuação não pode visar como ponto principal, o resgate da escolaridade, mas o atendimento da criança/adolescente que demanda atendimento pedagógico.

Para tanto, o educador deve ter habilidades que o torne capaz de refletir sobre suas ações pedagógicas, bem como de poder ainda oferecer uma atuação sustentada pelas necessidades de cada criança e adolescente hospitalizado. O professor deve ter acesso aos prontuários de seus alunos a fim de em articulação com a equipe de saúde obter as informações necessárias para elaborar seu planejamento pedagógico em consonância com a situação de saúde do estudante-paciente.

A saber, o profissional de Pedagogia está inserido em uma sociedade que está em constante mudança, tanto social e econômica quanto cultural e tecnológica. Logo surgem novos campos de atuação que vão além das escolas, como empresas, ongs, instituições da política de assistência social já que a educação é necessária em todos os ambientes da vida humana, pois somos seres históricos, relacionais e culturais. A educação de crianças com necessidades educacionais especiais vem recebendo grande impulso na atualidade, com as políticas de saúde, inclusão e educação, a legislação vem afirmar esse compromisso e estruturar a organização do sistema de atendimento educacional em ambientes hospitalares.

O professor de uma classe hospitalar precisa conhecer a dinâmica e o funcionamento peculiar dessa modalidade, conhecer as técnicas que fazem parte da rotina do hospital, do leito que o estudante está e da enfermaria. Ao atuar em uma classe hospitalar é preciso estar capacitado(a) para implantar estratégias de flexibilização.

Compete ao professor(a) adequar e adaptar o ambiente às atividades e os materiais, planejar o dia a dia da turma, registrar e avaliar o trabalho pedagógico desenvolvido. O seu planejamento de ensino deve incluir a consulta ao prontuário desse estudante-paciente, ter acesso ao registro de informações sobre a saúde do aluno também pertence ao desenvolvimento das competências deste professor(a) da classe hospitalar, pois este profissional faz parte da equipe que contribui para os cuidados e bem estar da criança e adolescente hospitalizado.

A Pedagogia Hospitalar necessita da união entre os profissionais da educação com os profissionais da saúde. O(a) educador(a) trará seu saber didático, lúdico e recreativo, enquanto o médico(a) agregará conhecimentos sobre a área da saúde para, em conjunto, beneficiar a criança hospitalizada. Receber o diagnóstico de uma doença é algo que pode acontecer a qualquer um, é uma fatalidade da nossa frágil vida humana, ser retirado de sua rotina, da sua família, sua casa para permanecer um longo período no hospital é sempre um período difícil para quem está hospitalizado e seus familiares, causando um profundo impacto psicológico na pessoa que está passando por essa situação. Um serviço que ameniza essa limitação é justamente a classe hospitalar, já que o direito à educação necessita ser resguardado a todas as crianças e adolescentes em idade escolar.

A aprendizagem da criança hospitalizada sofre grande influência dos remédios, do ambiente, das suas emoções e de sua autoestima. Por isso é importante atender as necessidades pedagógicas das crianças internadas, além de dar um suporte psicológico e também a aspectos relacionados à saúde física.

De acordo com o autor Henri Wallon(1941) a emoção é a base da inteligência de um indivíduo, seu suporte e seu vínculo com outras pessoas. Wallon(1941) afirma que a emoção faz parte tanto do aspecto biológico como do social, na relação com outras pessoas. É por isso que é sempre importante ao profissional da pedagogia quando trabalhar com crianças hospitalizadas ser sempre alegre e positivo, para transmitir essa emoção positiva para os estudantes-pacientes, ajudando assim no aprendizado e tratamento da doença. Esses estudantes estão privados de suas relações sociais, por esse motivo é importante deixar que possam socializar com o máximo de pessoas possível no ambiente hospitalar mesmo. O objetivo é incluir as crianças hospitalizadas nas prática

que as demais crianças têm em seu cotidiano, trata-se de uma ação da Educação Inclusiva.

Wallon(1941) traz que o aprendizado ao longo da vida é feito por meio de interação com outras pessoas e transmissão mútua de informações e conhecimentos. Também faz parte da Pedagogia Hospitalar oferecer aos alunos informações e meios de lidar com sua própria doença. Durante os momentos com as crianças, o pedagogo poderá dar informações sobre seus estados de saúde, como a doença acontece e como ela é curada.

Para um bom resultado dos estudos desses estudantes-pacientes deve existir uma integração entre a escola de origem, o(a) pedagogo(a) hospitalar e a equipe médica. As classes hospitalares se encontram entre a formalidade, obtida no ambiente escolar, e a informalidade, existente devido à situação de internação. Logo, nas classes hospitalares deve existir o acolhimento emocional dos alunos, o ensino não pode ser uma atividade estressante e cansativa, mas sim algo prazeroso para auxiliar no processo de cura da criança. Na seção a seguir serão apresentados os marcos legais sobre essa temática.

## **2-Diretrizes Legais: direitos de inclusão e humanização nos hospitais.**

Segundo a Constituição Federal no artigo 205 a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, devendo ser promovida com a colaboração da sociedade a fim de incentivar o desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

A universalização do atendimento escolar também é garantida pelo artigo 214 da Constituição, porém algumas circunstâncias podem interferir nessa permanência escolar, impedindo a sua frequência temporária ou permanentemente. Por esse motivo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no artigo 59 assegura a oferta da Educação Especial com o estabelecimento nos sistemas de ensino de currículos, métodos, técnicas, recursos educativos, para atender as necessidades desses alunos(BRASIL, 1996).

A LDB define em seu artigo 58 a educação especial, com o parágrafo segundo explicitando: “o atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular” (BRASIL,1996,p.27).

A legislação brasileira reconhece o direito das crianças e jovens hospitalizados ao atendimento pedagógico-educacional. Desde o ano de 2005 foi criada a Lei nº11.104

para dispor sobre a obrigatoriedade da instalação de brinquedotecas em unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Também existe a presença de outras ações lúdicas em alguns Hospitais como por exemplo os “Doutores da Alegria” que atuam nas enfermarias onde ficam as crianças internadas, mas essa educação lúdica, com brincadeiras, que “são pilares de promoção à saúde não são substitutas das necessidades didático-pedagógicas das classes hospitalares, cujo foco é promover a produção de conhecimento e as relações de ensino e aprendizagem” (BRASIL, 2002, p.13).

A intervenção do pedagogo na classe hospitalar tem um potencial específico de construção do desenvolvimento cognitivo, cultural e emocional da criança, é algo individualizado, já as atividades recreativas coletivas proporcionam um suporte psicológico no enfrentamento e aceitação da doença.

De acordo com Pedrosa (2015, p.12) foi realizada uma parceria com o poder público através da rede municipal de educação do Recife com a Divisão de Educação Especial para assegurar o direito à escolarização dos pacientes internados em idade escolar, implementando assim as atividades pedagógicas garantidas pelas legislações nacional e estadual. Em Pernambuco, o Decreto nº 29.914 de 2006 traz a definição em seu artigo 1º de classe hospitalar como sendo um “serviço destinado a prover mediante atendimento especializado, a educação escolar a alunos impossibilitados de frequentar as aulas, na escola, em razão de tratamento de saúde que implique internamento hospitalar ou atendimento ambulatorial” (PERNAMBUCO, 2006, p.35).

Para instituir a classe hospitalar na Rede Municipal de Ensino do Recife foi criado o Decreto nº 28.622 no ano de 2015 concretizando essa modalidade de ensino ao estudante submetido ao tratamento de doenças crônicas, internado em estabelecimento hospitalar da rede pública de saúde do Município do Recife. No artigo 3º afirma, ainda, que essa assistência educativa deve ser prestada por professor hospitalar, vinculado à Secretaria de Educação, com habilitação em pedagogia e, preferencialmente, curso de especialização em educação especial” (RECIFE, 2015a).

“Nessa direção, cada setor tem definida a sua competência na Instrução normativa nº10/ 2015, que em seu artigo 3º esclarece”:

à Secretaria de Educação compete identificar as demandas de estudantes em tratamento de saúde e garantir-lhes as oportunidades de escolarização, fornecer materiais didático-pedagógicos entre outras. A unidade de saúde deve disponibilizar espaço institucional apropriado, emitir a documentação necessária à continuidade e reintegração dos estudantes pacientes às classe

hospitalares devem conhecer a dinâmica e o funcionamento peculiar dessa modalidade de ensino, bem como as suas técnicas e as rotinas da enfermagem (RECIFE, 2015b, p.02).

Segundo o Documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico (BRASIL, 2002) fornecido pelo Ministério da Educação e Secretaria de Educação Especial, o ambiente da classe hospitalar tem algumas especificações que devem ser garantidas, tais como:

uma sala para desenvolvimento das atividades pedagógicas com mobiliário adequado e uma bancada com pia são exigências mínimas. Instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas são altamente recomendáveis e espaço ao ar livre para as atividades físicas e ludo-pedagógicas (BRASIL, 2002, p.15).

Além disso, dadas às peculiaridades de uma classe multisseriada e as demais implicações do âmbito hospitalar, se mostra necessária também, o favorecimento do desenvolvimento e do aprendizado fora da própria classe hospitalar, ou seja, a “aula” emsi, poderá ocorrer também nos leitos e dormitórios. Já ao docente, é exigida não só a capacidade de trabalhar com as adversidades humanas e culturais, mas também a capacidade de identificar e adequar suas práticas às necessidades do educando, não lhe é apenas acometida a responsabilidade de garantir a inclusão para o retorno escolar, mas também, o possível ingresso daqueles que não tem uma escola de origem. Isso exigirá do educador maior flexibilidade e adaptação curricular em seus procedimentos didáticos pedagógicos em conjunto com a assistência ao educando, contribuindo com o cuidado e atenção à sua saúde.

O sistema educacional e os serviços de saúde também devem prestar um acompanhamento terapêutico ao professor de uma classe hospitalar, devido às condições e limitações especiais de seu trabalho, lidando cotidianamente com o sofrimento e os óbitos de seus alunos. Inclusive “é assegurado por lei o direito ao adicional de periculosidade e de insalubridade, assim como ocorre com os profissionais de saúde” (BRASIL, 2002, p.17).

A LDB é baseada em nossa Constituição Federal, portanto, garante o direito à educação assim como faz a Constituição, para essas crianças e adolescentes que não podem ir à escola, o ensino deve então ser levado até eles. Somente assim poderão ter condições de retomarem seus estudos sem prejuízos futuros. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), (Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990) aborda em seu capítulo V a Educação Especial, área que está inserida a Pedagogia Hospitalar, o ECA

menciona também em seu artigo 58 a existência de classes especializadas para o atendimento educacional de alunos que necessitem desse serviço (BRASIL,1990).

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) reconhece o atendimento pedagógico hospitalar como parte da Educação Inclusiva afirmando que ela “pressupõe novas relações pedagógicas centradas nos modos de aprender das diferentes crianças e jovens”( BRASIL, 2002,p.28). Sendo assim, todos devem zelar por esse direito de inclusão das crianças e adolescentes hospitalizados. Apesar desse reconhecimento, a Pedagogia Hospitalar ainda não tem seu conhecimento amplamente difundido na sociedade por se tratar de uma área muito nova nas políticas públicas nacionais.

O artigo 214 da Constituição Federal afirma, ainda, que as ações do Poder Público devem conduzir à universalização do atendimento escolar. Nesse sentido a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional assevera que, para garantir o cumprimento da obrigatoriedade de ensino, o Poder Público criará formas alternativas de acesso aos diferentes níveis de ensino (art.5º, § 5º), podendo organizar-se de diferentes formas para garantir o processo de aprendizagem (art.23).

Na impossibilidade de frequência à escola, durante o período sob tratamento de saúde os alunos da classe hospitalar necessitam de formas alternativas de oferta de ensino de maneira que possam cumprir nessa criança ou adolescente os direitos à educação e à saúde. Com todos esses direitos dedicados às crianças e adolescentes em idade escolar, o ramo da Pedagogia Hospitalar e sua atuação precisa se expandir cada vez mais.

### **Delineamento Metodológico**

O presente trabalho foi realizado mediante uma pesquisa qualitativa considerando que “essa abordagem visa responder a questões muito particulares que abrange o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores” (MINAYO et.al, 2011, p.12). Trata-se assim de uma pesquisa que busca aprofundar o conhecimento de uma realidade e descrevê-la.

O estudo foi feito na classe hospitalar Semear, do Centro de Oncohematologia Pediátrica (CEONHPE) em um Hospital Universitário, situado na cidade do Recife. Essa Classe foi pioneira nesse segmento educacional em Pernambuco, criada pelo Decreto Nº 28.622 no ano de 2015(RECIFE,2015a) que Institui a Classe Hospitalar na

Rede Municipal de Ensino do Recife. Esse estudo de caso foi realizado inicialmente mediante a prática de observação simples através de oito visitas à classe hospitalar SEMEAR. O registro dessas visitas foi compilado em um diário de campo com anotações relevantes sobre o ambiente pedagógico, práticas pedagógicas e especificidades da pedagogia hospitalar investigada para a construção dessa pesquisa. Foi realizado ainda um questionário com oito perguntas abertas (ver Quadro 1) por correio eletrônico (email) para a professora da classe hospitalar SEMEAR a fim de compreender acerca de sua prática pedagógica. Esse modo de aplicação foi escolhido devido a disponibilidade da profissional em questão e com sua anuência.

Quadro 1 – Perguntas abertas do questionário realizado com a professora da classe hospitalar

1. Quais desafios impactam a sua atuação dentro da classe hospitalar?
2. O que mais lhe motiva nesse trabalho?
3. Na sua opinião, o que é preciso para expandir a classe hospitalar em Pernambuco?
4. Qual a proposta da sua prática pedagógica em relação ao currículo da escola regular?
5. Que caminho deve ser percorrido pelos profissionais de Pedagogia para se estabelecerem nesse segmento educacional?
6. Tem algum documento pedagógico que baseia as aulas na classe hospitalar?
7. Como funciona a rotina de ensino na classe, quais são os horários de aula?
8. Como se dá a interação com os alunos? Quais conteúdos são trabalhados com esses estudantes?

Fonte: a autora.

O campo de pesquisa deste estudo é uma classe hospitalar que almeja proporcionar a escolarização das crianças submetidas a tratamento oncológico, tendo em vista que o ambiente hospitalar não se reduz apenas a dor e sofrimento, pois esses estudantes-pacientes podem e devem adquirir conhecimento mesmo nesse contexto, em um espaço diferenciado da escola regular devido às circunstâncias de adoecimento em que se encontram.

### **Apresentação e Análise dos Dados**

O Centro de Oncohematologia Pediátrica (CEONHPE) surgiu para atender a uma demanda específica, o tratamento de crianças e adolescentes com câncer no Estado de Pernambuco. Nesse espaço além do tratamento da doença, as crianças internadas têm

a oferta da escolarização pela classe hospitalar e acesso a atividades lúdicas na brinquedoteca. Nesse local atua uma equipe multidisciplinar, voluntários e funcionários do Grupo de Apoio à Criança Carente com Câncer (GAC), ONG parceira na temática de humanização na oncologia infantil. Nesse contexto encontramos a professora da classe hospitalar SEMEAR.

O CEONHPE fica em um prédio de sete andares que faz parte de um Hospital Universitário da cidade do Recife. No térreo funciona o serviço de pronto atendimento e a recepção, no primeiro andar fica a brinquedoteca e o refeitório. No segundo andar é o ambulatório (onde se realizam as consultas médicas), no terceiro ocorrem as sessões de quimioterapia, no quarto e quinto andares localizam-se as enfermarias (leitos onde as crianças ficam internadas), no sexto andar funciona a unidade de cuidado semi-intensivo e no sétimo fica a administração do CEONHPE e do GAC.

O GAC foi criado em 1997 através do desejo de profissionais, voluntários e familiares das crianças em tratamento no Hospital Universitário, em definir um espaço mais acolhedor para esses pacientes da oncologia infantil, pois antes as crianças dividiam o mesmo espaço com os adultos durante o tratamento oncológico.

Com o intuito de conhecer os reflexos da prática pedagógica no âmbito da classe hospitalar, para o estudante/paciente que está afastado da escola por motivo de internação hospitalar, foi pertinente entrevistar a professora responsável pela classe hospitalar do Hospital, a formação acadêmica da professora não segue uma linearidade na área educacional, ela fez magistério, em seguida ingressou no curso de Moral e Cívica, do qual não concluiu pelo fato do curso ser extinto no final de sua formação, após essa situação ingressou no curso de Serviço Social, que concluiu e também realizou algumas especializações na área pedagógica como: Psicopedagogia, Pedagogia Hospitalar e também Educação Especial. Para tanto “[...] o conhecimento produzido e adquirido na formação inicial, na vivência pessoal e no saber da experiência docente, deve ser repensado e desenvolvido na carreira profissional” (BRZEZINSKI et al. 2006, p. 34).

A professora, por intermédio de um processo seletivo interno em seu local de trabalho foi transferida, no ano de 2012, da escola regular para trabalhar na classe hospitalar devido ao surgimento dessa demanda específica no CEONHPE e atua na educação infantil e do ensino fundamental do 1º ao 5º ano (anos iniciais). Esse processo de implantação foi iniciado com a aproximação do poder público municipal materializado pela Divisão de Educação Especial e a lotação da professora na Escola

Municipal Cidadão Herbert de Souza, unidade escolar escolhida por se localizar dentro do Campus da Universidade, sendo inclusive a mais próxima na localidade.

Durante as observações em campo conversamos e trocamos experiência sobre a sua rotina como professora em um ambiente hospitalar. Percebe-se que a atuação nesse local requer uma boa formação interdisciplinar entre médicos, enfermeiros e nutricionistas. Como ela mesma nos relatou, o primordial é o bem estar da criança. Durante a aula ela sempre pergunta ao estudante-paciente se ele está cansado, como está se sentindo, se tem condições de fazer a tarefa naquele momento. Quando por exemplo acontece alguma intercorrência devido à gravidade da doença dessas crianças, é preciso manter a calma, retirar os materiais escolares e chamar um enfermeiro, relata a professora.

É necessário esse olhar atento para a saúde desse estudante-paciente, para que a tarefa pedagógica possa contribuir para o seu tratamento como um todo. Foi possível perceber o quanto essas crianças, apesar de não frequentarem uma escola regular e encontram-se afastadas de seus amigos e familiares devido à condição clínica de sua doença, são crianças aptas a aprender e com vontade de estudar, elas brincam, conversam, interagem entre si. Existe uma autoestima presente nessas crianças da classe hospitalar durante o processo de escolarização, fruto do trabalho da professora e de toda a equipe do CEONHPE.

Nesse sentido, OLIVEIRA (2008, p.1) argumenta que a classe hospitalar tem a finalidade de recuperar a socialização da criança por um processo de inclusão, dando continuidade à sua aprendizagem. As ações desenvolvidas ao longo do período, como já dito antes, implicaram na necessidade de documentar a trajetória de toda a dinâmica vivenciada na busca da implementação da Classe Hospitalar Semear garantindo o direito à educação a esses estudantes/pacientes.

O professor(a) que irá atuar em classe hospitalar deverá estar capacitado(a) para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. Deverá, ainda, propor os procedimentos didático-pedagógicos e as práticas alternativas necessárias ao processo ensino-aprendizagem dos alunos, bem como ter disponibilidade para o trabalho em equipe e o assessoramento às escolas quanto à inclusão dos educandos que estiverem afastados do sistema educacional, seja no seu retorno, seja para o seu ingresso.

O crescimento profissional do professor deve incluir sua busca de fazer parte da equipe de assistência ao educando, tanto para contribuir com os cuidados da saúde, quanto para aperfeiçoar o planejamento de ensino, manifestando-se segundo a atenção pedagógica proporcionada. A consulta ao prontuário e o registro de informações neste documento também pertence ao desenvolvimento das competências deste professor, assim como adequar e adaptar o ambiente às atividades.

A professora propõe tarefas para as necessidades específicas de cada estudante-paciente, pode ser um exercício pedagógico que aborda motricidade, concentração, coordenação motora. No caso de uma disciplina que a criança apresente maior dificuldade são propostas tarefas lúdicas como pinturas e colagens a fim de promover o aprendizado de uma forma mais satisfatória para a criança.

É notável o apreço desses alunos pela classe hospitalar, mediante toda a dedicação profissional desempenhada nesse processo. Ao longo das visitas de observação somos orientados sobre os cuidados básicos que devemos ter na classe hospitalar como a higienização das mãos constantemente, utilizar sapatos fechados nesse ambiente para evitar contaminação, se for aos leitos fazer uso de uma batatransparente (capota) por cima da roupa para não transmitir bactérias da rua para este local, e sempre usar também máscaras descartáveis.

A atenção a essas normas é imprescindível para não cometer algum agravo no estado de saúde das crianças internadas, inclusive quando a professora está com algum sintoma viral, por exemplo, ela não pode dar aulas por essa questão da segurança com o estado de saúde dos estudantes-pacientes que devido ao tratamento de saúde estão com imunidade baixa.

Na utilização dos materiais escolares é feita uma limpeza com álcool para desinfecção antes do próximo estudante ter aula. Não é permitido abraços, beijos e aperto de mão devido ao risco elevado de contrair doenças oportunistas, as quais podem ocasionar umapiora do quadro clínico desses pacientes da oncologia infantil.

A professora da classe SEMEAR só atende a faixa etária correspondente a educação infantil e ao ensino fundamental (anos iniciais) com faixa etária entre quatro e onze anos de idade geralmente. A professora no dia da observação ensinou para cinco crianças, três meninos pela manhã e duas meninas no horário da tarde. Desde o início do atual ano letivo ela está trabalhando com doze crianças até agora, mas de acordo com ela não há como sistematizar exatamente se o quantitativo de alunos vai aumentar ou diminuir, pois isso depende da dinâmica de internamento. Algumas crianças permanecem meses

no Hospital, outras recebem alta em semanas, tem casos que necessitam retornar ao Hospital depois de algum tempo, a depender do progresso do tratamento e remissão da doença.

A rotina de um(a) professor (a) da classe hospitalar é instável, acontece em função do tempo que a criança vai permanecer internada, a qualquer momento pode chegar um novo estudante-paciente. A professora explicou que procura sistematizar todos os dados referentes aos seus alunos em pastas individuais para no final de cada ano avaliar o quantitativo de estudantes que passaram pela classe hospitalar SEMEAR.

Também pode acontecer de alguma criança chegar a classe hospitalar com uma idade avançada, por exemplo, uma criança com oito anos que ainda não sabe ler, isso é resultado da situação agravante da doença, os pais têm a preocupação primeira com a saúde de seus filhos e acabam não matriculando eles nas escolares regulares, diante dos constantes internamentos ou porque são do interior e passam por dificuldades de se estabilizarem na capital, enfim é compreensível, mas passada essa fase inicial a proposta é incentivar o retorno dessa criança ao estudo.

Sobre a rotina no SEMEAR os alunos da classe têm aulas de segunda à sexta com duração de uma hora diária, essas aulas são individuais e podem ser no espaço da classe que fica no quinto andar do CEONHPE ou no próprio leito do estudante-paciente a depender da condição de saúde de cada um.

Trata-se assim de um ensino formal em um espaço não escolar, mas todo o trabalho da professora está articulado com a escola de origem, por isso ela pede aos pais que não deixem de matricular seus filhos, pois precisa manter o contato com a escola, enviar provas, relatórios, seguir o conteúdo curricular correspondente com a classe em que o aluno estava matriculado antes do internamento hospitalar.

A professora recebe todo o material pedagógico para elaborar o plano de ensino (PDI) de cada aluno. Perguntamos a ela como lidar com a possibilidade do óbito de seus alunos, há casos de alguns já chegarem ao hospital com diagnóstico de câncer avançado e sem muita chance de recuperação. A mesma explicou que recebeu uma orientação a esse respeito, e procura está bem psicologicamente para lidar melhor com uma questão tão dolorosa como essa que enfrenta em seu cotidiano. O bom desempenho de seu trabalho depende disso, saber diferenciar a dor que é do outro com o que compete a ela de fato, aquilo que realmente lhe pertence. Sua prioridade é promover o acesso dessas crianças à educação.

Diante desses fatos, no momento em que a equipe médica se comunica com ela e a avisa sobre o risco de óbito da criança, ela frisa propor algo mais lúdico para esse aluno em estado terminal, é um momento delicado e doloroso para o paciente, seus familiares e toda a equipe profissional que o acompanha.

O Poder Público deve identificar todos os estabelecimentos hospitalares ou instituições similares que ofereçam atendimento educacional para crianças, jovens e adultos, visando orientá-los quanto às determinações legais. As classes hospitalares existentes ou que venham a ser criadas deverão estar em conformidade com o preconizado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação e pelas Diretrizes Nacionais da Educação Especial na Educação Básica.

O profissional de pedagogia que deseja atuar em uma classe hospitalar deverá fazer parte da Divisão de Educação Especial e ter uma especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Os sistemas de ensino deverão criar oportunidades para formação continuada dos professores que atuam nas classes hospitalares para que funcionem segundo os princípios e orientações próprios da educação básica, além de prever medidas legais para que as classes hospitalares atendam progressivamente as exigências da lei, demonstrando comprometimento com o sucesso do educando e a proposta de atenção integral. A proposta é que o estudante na classe hospitalar possa trabalhar o conteúdo que está sendo vivenciado na escola de origem, para que haja uma convergência na resolução das avaliações quando enviadas e que no retorno à escola esse aluno possa acompanhar a sua turma. Por se tratar de uma turma multisseriada o trabalho na classe hospitalar precisa ser personalizado de acordo com as lacunas pedagógicas apresentadas durante o processo de escolarização desse estudante-paciente.

Atitudes de empatia na pedagogia são ações que reprimem a exclusão e almejam inclusão como uma filosofia de vida. A perspectiva inclusiva percebe o indivíduo com suas competências com a oferta de condições e possibilidades de ensino adaptadas a necessidade de cada um, com a crença da capacidade de todos os alunos aprenderem, isso é essencial na educação inclusiva.

O aprendizado gerado e compartilhado em uma classe hospitalar não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas, ressaltando com isso que tratamos aqui de uma educação formal a qual lida com um regimento institucional da escola da Prefeitura do Recife, vinculada a classe hospitalar com um currículo já definido, porém adaptado às condições dos alunos. Podemos

considerar conforme Gohn (2010;p.23) que se trata de uma educação alternativa em um espaço não escolar devido a uma necessidade específica de inclusão desses estudantes.

Enfim, entender que todo aluno tem limites e possibilidades, e o papel do professor é incentivar para o caminho da superação desses limites e abertura dessas possibilidades. Interagir e acompanhar cada aluno de perto é ofício do professor que deseja enfrentar as barreiras atitudinais rumo a uma educação transformadora, para que assim possamos priorizar o acolhimento da diversidade de sujeitos.

### **Considerações Finais**

Apresentamos os desafios deste ambiente de trabalho para o docente, os seus limites e os avanços legais que já ocorreram proporcionando assim uma maior implementação dessas políticas públicas voltadas para a modalidade da educação especial. Percebemos que o trabalho desenvolvido por um professor da classe hospitalar abrange um universo significativo forte na vida do estudante-paciente.

Verificamos ainda que o atendimento humanizado proporcionado pelo GAC, pela brinquedoteca hospitalar, e pela classe hospitalar SEMEAR são fatores que atuam conjuntamente para a colaboração da recuperação dessas crianças, resgatando a autoestima delas e amenizando o isolamento social e os condicionantes psicológicos provocados pela situação de adoecimento. Através desse estudo aprofundamos nossos conhecimentos teóricos e metodológicos a fim de compreender a importância desse campo de atuação profissional.

Entendemos assim que o tratamento de saúde não envolve apenas aspectos biológicos, mas que a experiência de adoecimento e hospitalização implica mudança de rotina, separação de amigos e familiares, sofrer com o medo da solidão e da morte. No caso dessas crianças que passam por procedimentos invasivos e dolorosos, algumas voltam à escola sem cabelos, com próteses, precisando de um apoio psicológico para fortalecer sua autoimagem. “Esses aspectos biopsicossociais geram um processo traumático e uma sensação de insegurança justamente na fase de desenvolvimento e autonomia da criança e do adolescente, pois ficam dependentes de seus pais e da equipe médica” (BRASIL, 2002, p.19).

Dentre tantos desafios que existem nessa modalidade de ensino como alteração diária do planejamento pedagógico, intercorrências, óbitos dos estudantes, a necessidade de se ressignificar constantemente, percebe-se que assegurar a

escolarização para esses estudantes-pacientes exige uma vontade política por parte dos gestores públicos e interesse dos pais e responsáveis para exigir o direito à educação preconizado no arcabouço legal existente, embora sabemos que na circunstância de uma doença grave todo o esforço e atenção são direcionados para a cura da criança.

Visualizamos mediante essa pesquisa o processo de escolarização em um espaço não escolar, fruto de uma demanda social por um grupo específico de sujeitos, os quais balizam os aspectos legais e formais para a realização efetiva de seus direitos à saúde e à educação, caminhando juntos. A partir do momento que existe uma demanda deve haver a formação de docentes que possam atuar nesses espaços não escolares.

Destacamos assim a importância da pedagogia hospitalar para a sociedade, pois essa garante o direito à educação para crianças e adolescentes hospitalizados, percebendo esse público como sujeitos dignos de aprendizagem e exercício de sua cidadania plena compatível com o ideal democrático que buscamos em nossa profissão de educadores.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, DF. 1988.

\_\_\_\_\_. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF.

\_\_\_\_\_. Lei Nº 11.104, de 21 de Março de 2005. **Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação**. Brasília, 21/03/2005.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB-nº 9.394** de 24 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

BRZEZINSKI, Iria. **Coordenação e organização. Formação de profissionais da educação (1977-2002)**. Colaboração: Elsa Garrido. Brasília: Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

GONH, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde\_4ª ed\_** Petrópolis, RJ: Vozes\_ 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 30.ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Linda Marques, FILHO, Vanessa Cristiane de Souza, GONÇALVES, Adriana Garcia. Classe Hospitalar e a Prática da Pedagogia. In: **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, Ano IV, N.11, Janeiro-2008, Periódico Semestral.

ORTIZ, Leodi. FREITAS, Soraya. **Classe hospitalar: caminhos pedagógicos entre saúde e educação.** Santa Maria: Editora UFSM, 2005, p. 2.

PEDROSA, Cristiane Rose de Lima. **Direitos dos alunos hospitalizados e desafios na implantação da primeira classe hospitalar no município de Recife: Direito à educação no contexto do internamento.** Recife, 2015. (Trabalho de Conclusão de Curso) - AVM Faculdades Integradas. Programa de Pós-Graduação em Pedagogia Hospitalar. 2015.

PERNAMBUCO. Decreto nº29914, 27 novembro. 2006. **Cria os serviços de educação especial que indica, no âmbito da Secretaria de Educação, Cultura e Esportes e dá outras providências.** Publicado no Diário Oficial em 28/11/2006.

RECIFE. Decreto nº28.622, 06 mar.\_2015a. **Institui a Classe Hospitalar na Rede Municipal de Ensino do Recife.**

RECIFE. Instrução Normativa nº10/2015b. **Dispõe sobre normatização do atendimento pedagógico-hospitalar no município de Recife para estudantes em tratamento de doenças crônicas e dá outras providências.** Publicado no Diário Oficial em 03/10/2015.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Rio de Janeiro: Andes-1941.